

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

CHRONICA DOS SALÕES.



Eis uma semana que se finda alegre e risonha, como o rosto de uma noiva. Tivemos bailes e soirées, theatros, festas de Igrejas, fogueiras, foguetes e muitos outros divertimentos. Bravo! desta vez o mundo elegante pulou de contentamento. Parece-me que o inverno já vai dando signal de que é chegado, e que toca-lhe a vez de dar animação ao mundo *fashionable*. Ainda bem: é necessario porém que a febre dançante, que nasceu com furor h'duas primaveras, continue este anno sem fazer remissão tão cedo, e que as quadrilhas, as valsas, e as schotisches tenham neste inverno um grande reinado, por que os nossos grandes salões têm-se resentido da verdadeira animação que lhes é mister.

O facto mais interessante da semana foi o brilhante *sarao* que o Sr. A. J. D. Ferreira deu dia de S. Antonio na sua chacara em S. Christovão. Uma boa parte da elegante sociedade do Rio de Janeiro ahi estava: foi uma das bellas funcções deste inverno, um grande e completo *soirée*, um elegante baile, aonde as nossas principaes bellezas conquistavão milhares de adoradores. Aos prazeres da dança reunirão-se as harmoniosas melodias dos nossos cantores lyricos, pois que os Srs. Laboceta, Ferranti, Gianini, Arnau, Barbieri, e as Sras. Cassaloni e Wartraud ahi estiverão, e ahi cantarão lindamente a satisfazer aos dilettantis. O Sr. Ferreira, obsequioso, como toda a sua familia, distinguio-se em tão guapa funcção, que para nada faltar, depois de um bem servido

chá, offereceu uma lauta e interessante cêa, capaz de desafiar o appetite ao maior indifferentista da arte de gastronomia.

Ha muito que não se da uma tão bella funcção, e aonde as horas passassem-se tão rapidamente. Os *toilettes* do mais apurado gosto, e de maior brilhantismo, distinguão-se nos salões do Sr. Ferreira, que illuminados e adornados com luxo, estavam fascinadores, por possuirem tantas bellas encantadoras. E todos retirarão-se satisfeitissimos pelas obsequiosas maneiras dos donos da funcção.

No sabbado deu a sociedade *Sylphide* o seu baile deste mez. A vossa Francina, queridas leitoras, lá esteve, e tencionava descrever-vos todos os encantos que gozou nesse brilhante baile, quando recebeu de um jovem poeta, seu conhecido, moço de bastante intelligencia, e apreciado entre nós como um bello talento, uma descripção tão poetica, que seria uma injustiça se eu vos não offerecera a sua leitura na *chronica dos salões*.

Eil-a, lêde e aprecia!

A SYLPHIDE.

Quanta harmonia, quanta vida, e quanta luz deramava-se nos pomposos salões do *Club Fluminense* na noite do dia 10 de junho!

Foi nesta noite em que a *Sylphide* deu seu baile fascinante; em que uma brilhante e escolhida socie-

dade encheu os salões do Club, tão cheios de luxo; onde o ar que se respirava era doce e perfumado como as salas do palácio das fadas descriptas pelo conde de Florestan em sua viagem ao Levante. Oh! quanta illusão deixou esse baile na mente do mancebo que viu renhidos tantos anjos, e tantas fadas!... e que ouviu tantas frases trocadas ligeiramente no rapido volteio de uma valsa!

A noite do baile da *Sylphide* foi uma noite de poesia, de mysterio, e de amor...

Estendião-se no salão principal do Club duas ordens de sofás azues e adomascados, onde mollemente se reclinavão as lindas filhas de nossa terra, ostentando garbozas a formosura de seus rostos, que rivalisam em graça com esses bellos typos das Circasianas e Andaluzas, tantas vezes descriptos pelos poetas; porém entre tantas moças bellas, só para mim ciuco forão distinctas. Erão todas de rosto e *toilettes* differentes.

A primeira trajava um vestido de setim furta côres, que lhe desenhava com garbo a forma esbelta de seu corpo bemleito: era um vestido depositado, que mostrava aos olhos avidos dos mancebos uma flor branca, tão bem collocada, tão linda, tão viçosa.... que me causou inveja e ciume. E eu mirei dessa virgem seu bello rosto de jumbo corado, e fitei seus olhos negros, negros como os diamantes pretos achados no Indo-China.

Troquei com ella algumas frases, e vi o poder de suas fallas, que pulvaram de seus labios divinos, semelhantes ás notas quebradas de uma flauta ouvida no silencio de uma noite de luar. Esta formosa virgem tem um nome singello, e chama-se A... E' um dos anjos que embelleza a gracioso arrebalde do Rio Comprido.

A segunda, oh! a segunda era o fiel retrato do ideal de Lord Byron.

E se o poeta inglez a visse: visto aqui no Brazil, diria, como disse o visconde de Almeida Garret, a um seu amigo fallando de sua virgem — não a vejas; porque si tu a vires, eu sei, porque te digo, tu morres de amor!... e o mesmo vos digo; porque apenas a distingui entre as diversas moças que cruzavão os salões parei ante ella, e cruzando os braços admirei-a!!!... Então recordei-me de uma visão celeste, que já tinha visto em meus sonhos, de porte activo e soberano, como o della; de cabellos negros em tranças, que sombreavão-lhe as faces de um amorenado mais bello que jamais hei visto em rosto de mulher. E si Waudichy, como eu a houvera visto, se esqueceria d'essa linda filha do Danubio, por quem elle tanto penou de amores; Acharia em sua linda cabeça o dezenho, que procurava para offerecer a Archiduqueza d'Austria. Não vos fallarei de seu olhar; porque não tenho em minha lingua frases de tanto fogo como o fogo que se derramou de seus olhos, quando fitarão os meus. Oh! o olhar della arrebatá, fascina, e mata. Quanto ao seu *toilette* era riquissimo. Trajava um vestido de seda cõr de rosa com listras brancas desenhadas em circumferencia. Esta gentil donzella é uma das mais bellas fadas, que mora no pittoresco arrebalde de S. Christovão; e chama-se M....

A terceira era uma virgem, linda como os amores e tão singella como a flor dos campos. Trajava simplesmente um vestido de tarlatana cõr do céu. Seu

collo nã era tão formoso, como o do cysne branco; elle contém todo o encanto, toda a poesia, que pôde fallar ao coração de um poeta; tanto que um distincto fardo, meu amigo, por muitas vezes a tem desenhado com vivas cores. Seu nome perguntaai a esses mancebos entusiastas, que frequentão os nossos salões, que já a classificarão como uma estrella de luz que ostenta todo o seu brilho de quinze annos. E a linda C....

A quarta é uma senhora bella, delicada, e aristocrata; contém em si todos atractivos, e quando apparece nos salões, é só para causar inveja e patenteiar a felicidade do mancebo venturoso, que é seu marido. Seu *toilette* foi um dos mais ricos, e de melhor gosto. Trajava um vestido de seda azul transparente, guarnecido de rendas de blond, atravez do qual mostrava-se um outro cõr de rosa. Essa linda moça é de cintura tão flexivel como a haste de uma flor. Chama-se Amari.

A quinta foi uma linda moça romantica, de rosto pallido, e olhos negros grandes e cheios de luz. Seus cabellos erão castanhos, e de um bello ondeado.

Encostou-se sentada a sós n'um sofá que se destacava no angulo de um salão menos frequentado. Desenhava-se em sua physionomia doce e triste, uns visos de melancolia. Não sei porque ella sismava e não tomava parte no delirio do baile. Sentei-me junto della, e busquei saber a dôr que occupava seu coração de quinze annos. Quando eu a interroguei e que lhe fallei da fascinação de um baile, ella olhou admirada, e um sorriso melancolico veio errar em seus labios desbotados. Ella perdeu ha pouco mais de um anno seu marido, no verdor dos annos na quadra mais bella da existencia; quando elle contava vinte e cinco annos!...

Trajava um vestido de veludo preto que formava um bello contraste com a sua cõr d'uma alvura deslumbrante. Seu nome esqueceu-me de perguntar-lhe; purisso não sei.

A ELLA.

Fel ao som de divina harmonia
Que no baile com ella dançei,
Que a tive um instante em meus braços
Que seu rosto formoso mirei.

Que fitei os seus olhos formosos
Mais brilhantes que todos os lumes,
Que no arfar de ligeira fadiga
Em seus labios bebia perfumes.

Ella que tive esse anjo cahido
Um instante no meu coração,
Nessa noite de tanta poesia,
De mysterio, e de facinação.

E quando ella esse baile deixou
A minh'alma consigo levou,
Hoje eu amo extremoso esse anjo,
Esse anjo que assim m'encantou.

O baile da *Sylphide* foi uma noite de recordações, e eu della terei sempre uma saudade!!

A descripção que acabais de lêr, queridas leitoras, inda que poeticamente feita, não está completa de todo; porque é injustiça esquecer-se o mimoso

toilette preto, que há tempos fugido dos nossos salões, agora de novo volta a elles a brilhar, e a ostentar a formosura de uma rosa; e que esteve no baile da *Sylphide*, sempre bella e encantadora.

Tambem as duas irmãs da rua do Húspicio não podem ser olvidadas e uma descripção, quando ellas, mimosas e lindas, como uma palmeira da nossa terra, ostentão todos os encantos de um Céu puro e sereno. A travessa do baile tambem lá estaya; e ao lado da querida maisinha, são duas formosas flores que brillão sempre em nossos salões.

O baile da *Sylphide* meus concorrido, do que o do mez passado, esteve contudo muito melhor; porque dançou-se mais á vontade, e com muita animação.

A *Sylphide* dá agora para o mez o seu baile extraordinario de inverno.

Por Deus! que este anno se festejou com todo o furor o milagroso Santinho da devoção de muitas de minhas amáveis leitoras. Por toda a parte havia uma capellinha, e um oratorio erigido á Santo Antonio; as fogueiras crepitavão em muitos lugares, e os foguetes, e os balões, subião ao ar com furor desmedido.

Mas que de sustos não teve a vossa Francina com a chuva da vespera de Santo Antonio! Na verdade não ha nada mais aborrecido do que uma chuvinha no dia de uma funcção qualquer, quanto mais na vespera de Santo Antonio em que houverão tantas funcções!

Eu confesso que tive odio á tal Sra. chuva; temia perder algumas horas que se me antolhavão tão cheias de prazeres; mas felizmente não tive medo do tempo, e passei uma bella noite. Em casa do Sr. An-

tonio dos Santos Neves houve uma pequena reunião, alegre e folgazona; divertio-se a mais, não poder; Tocou-se e cantou-se admiravelmente. Um joven brasileiro com sua voz tão harmoniosa, extasiou aos seus ouvintes.

Para o resto da semana houve na quarta feita os bailes do *Campestre*, e da *Vestal*. O primeiro mais concorrido e animado, do que do mez passado, teve muitas bellas e interessantes senhoras; o segundo apresentou a novidade de bailes lyrico. Antes de começarem as contradaças, duas lindas senhoras cantaraõ divinamente, e um joven brasileiro extasiou aos seus ouvintes n'umas lindas variações de rabecca.

O baile da *Vestal* teve tudo quanto de bello e fascinador pôde ter um baile. Os *toilettes* brancos forão os que imperarão no salão, muito principalmente as duas jovens das lindas rosas brancas; o *toilette* de seda escoceza tambem era de gosto; e os *toilettes* rosas conquistarão milhares de adoradores.

E o que vos contarei mais? Que houve a procissão de Corpo de Deus na quinta feira, e fogo á noite no largo da Mãe do Bispo? Que as barracas continuão com as suas enchentes? Mas tudo isto encerra tão pouca puezia, que é monotonno por demais relatar-vos; além de que, confesso-vos a verdade, a vossa Francina tem levado uma semana tão *folienta* que se acha mui fatigada, e por isso será desculpavel que ponha aqui um ponto final.

Adeus, queridas e amáveis leitoras, até domingo, não vos esqueçais um só momento da vossa.

Francina Oscenia.

Rio, 17 de Junho de 1834.

UM CASAMENTO CHINEZ.

A classificação dos casamentos em casamentos de razão e casamentos de inclinação não pôde ser applicada aos casamentos chinezes, porque, em geral, só depois que os laços estão irrevogavelmente apertados é que os esposos se avistão pela primeira vez. Na Europa, familias illustres têm ás vezes feito contrahir esposas e crianças ainda no berço: os chinezes vão muito mais longe; casão filhos ainda não nascidos. Duas mulheres gravidas convencionão unir os filhos que trazem no seio, dão reciprocas arrhas em garantia de sua fé, e o exemplo assim contrahido é indissolúvel, salvo todavia se os contrahentes são do mesmo sexo, ou se um delles morre: a estes impedimentos de força maior accresce sómente o caso em que um delles seja atacado de lepra; porém raras vezes acontece que as mães tenham o trabalho de regular o futuro conjugal de seus filhos nascidos ou por nascer: na marcha ordinaria das cousas, se os filhos não se entremattem nos preliminares de seu casamento, menos ainda se occupão os pais: este trabalho fica a cargo de correctores, de agentes de casamentos; pois essa industria, ainda na infancia entre os povos da Europa, e á qual não se recorre, por assim dizer, se não em causas desesperadas, é das mais activas na China, onde é exercida pela acção simultanea dos dous sexos. Quando os

correctores e correctoras encontrão o que mutuamente lhes convém, e tendo os pais adherido a suas proposições, procede-se, em dia marcado pela futura, á celebração dos esponsaes.

Consiste esta cerimonia na permutação de presentes que os mediapeiros levão em cestas á casa dos noivos. As cestas offerecidas á futura devem conter, uma, fructas e piastras arrumadas em montes em quatro cantos; outra, uma perna de porco fresca de pezo de 12 libras, pouco mais ou menos, e a terceira, uma certa quantidade de aletria. Quando pela bulha dos foguetes, os visiphos têm noticia da chegada dos portadores dos presentes, a futura apresenta-se á porta de um quarto allumjado, por vélas encarnadas; recebe os presentes, e distribue fatias de porco por todos os assistantes. Ao mesmo tempo levão igualmente presentes á casa do noivo, que consistem sobre tudo em fructos divididos em 16 porções; além disso recebe de sua futura sogra alguns presentes pequenos, e particularmente pedras de abobora secas ao sol. Mas estas sementes de abobora custão-lhe um pouco caro, porque o uso o obriga a dar em troca a seu sogro uma certa somma de dinheiro: que se considera como preço da mulher que lhe vão entregar. Esta somma, variavel entre 84% e 150% réis, é tão rigorosamente dividida, que

a noiva não é entregue ao noivo enquanto não tem pago toda a dívida. Preenchidas estas formalidades os medianeiros consultão os astrologos, afin de escolher um dia propício para a nupcia; e a pezar de tudo nunca deixão de munir-se, para o que puder acontecer, de um pedaço de porco fresco destinado

a distrahir e divertir, durante a cerimonia, o demónio (sempre representado com a figura de um tigre) para que este todo absorvido nas delicias do pedaço de porco, esqueça os esposos e não cuide de fazer-lhes algum maléficio.

No dia convençionado, começa a noiva por enfei-



UMA SENHORA CHINEZA.



tar-se, sendo objecto mais notavel e essencial um immenso chapéo, em fôrma de açafate, que, envolvendo toda a cabeça e escondendo o rosto, cõe-lhe circularmente até á cintura; depois de assim encoberta, mettem-na em um palanquim escrupulosamente fechado, porque o ponto capital é que ella não veja nem seja vista. O cortejo, cuja pompa e marcha é regulada pelos medianeiros, vai depois lentamente caminhando e com apparato lugubre — a etiqueta exige que quantos acompanão a noiva soluçem com toda a força dos seus pulmões.

Quando a procissão se approxima da casa do noivo, destaca-se um correio que vai annunciar a chegada da noiva, gritando com voz grossa: *ahi vem ella! ahi vem ella!* Immediatamente toca-se trom-

betas, atirão-se foguetes, acõmpanhamento obrigado de todas as solemnidades na China, e o noivo corre, a trancar-se, o mais depressa que pôde, em seu quarto. Os medianeiros, a quem elle deve receber com admiração, com indifferença, e como se não soubesse o que lhe querem, vão buscal-o e conduzem-no ao palanquim. Aquel deve elle testemunhar grande emoção; abre tromendo o palanquim, ajuda a noiva a descer, e a condus a uma mesa na qual toma logar defronte della. Depois do banquete, que o não é nem para o noivo nem para a noiva mettida em seu enorme chapéo, e que porisso não pôde levar um bocado á boca, os esposos se retirão sós para uma sala. E' este para o marido um momento solenne, por ser então sómente que elle pôde levan-

tar o mysterioso chapéo, contemplar pela primeira vez as feições de sua compauheira, e julgar se o acaso o serviu bem ou mal. Quaesquer porém que sejião suas impressões, elles as guarda consigo, e não deixa ver á sua mulher senão amavel satisfação. Esta primeira prova serve para preparar a noiva para uma segunda crise, mais temivel e ainda mais cruel para ella. Quando o noivo tem terminado seu exame, todos os convidados são admittidos por seu turno a fazer o seu e a pronunciar seu juizo, que elles formulão com extrema franqueza, á etiqueta que obriga o marido a dissimular, os autorisa pelo contrario a fallar com inteira liberdade. E' raro que se não abuse da permissão, e que alguma mu-

lher contra a qual foi severa a critica em igual occasião, não aproveite esta para desforrar-se e dar sahida ao seu antigo rancor. Durante toda esta exposição a victima que possa gravosa representa soffrendo seu supplicio, é condemnada a silencio rigoroso, e a estolca impassibilidade, embora seja vivos e mordentes os gracejos dirigidos contra ella. Muitas infimizes principião a datar dessa hora de dores, e a nova esposa vai mentalmente tomando muitas notas para exercer em tempo represalias cruéis.

As outras ceremonias nupciaes, que se preenchem com a mais triste gravidade, em despeito da bulha executada por musicos e das forças representadas



CASAMENTO CHINEZ.

por pelotiqueiros, não offerencem cousa digna de notar-se, a não ser talvez os cuidados minuciosos que tomão os esposos para esconder seus vestidos quando se despem, porque o uso autorisa os convivas a pôr em pratica tudo para furtal-os, sendo nesse caso necessario resgatal-os a dinheiro. Apesar de serem enfadonhas e onerosas ás testemunhas as solemnidades nupciaes, nem por isso deixa de ser honra muito desejada a admissão para assistir a estas ceremonias. Ninguem pôde apresentar-se sem ser convida-

do em fórma, isto é, se não recebeu, por bilheto de convite, uma grande folha de papel encarnado, cujas dobras são combinadas de maneira a representar uma duzia de cartas, sem contudo haver uma só letra escripta.

Estes casamentos chinezes assim feitos não recebem, por uma rara excepção, consagração alguma, nem das leis humanas, nem da religião; apenas se envolvem algumas idéas supersticiosas. Nenhum sentimento de ordem elevada preside á consagração

de um acto tão importante na vida. Para os correctores, para os parentes, para os esposos, para os coarctados, o casamento não passa de um negocio, de uma especulação, na qual cada um procura dar menos e receber mais. Neste dia triste começa muitas

vezes para a mulher chinesa, assemelhada a uma mercadoria, vendida e comprada como tal, uma vida de escravidão e de miséria. É qual frequentemente se subtrahê pelo suicidio.

Extrahido.

UMA NUVEM NO CÉO.

(PÁGINAS DE UM POBRE ALBUM.)

Divina J..... Se o amor é o unico genero de gloria permitido ás mulheres, gloria-te; nunca mulher alguma foi, ou será amada como tu: a esphera de teus meritos é infinita, a do meu amor tem igual diametro.

A. F. DE CASTILHO.

Flores emurchecidas que sem os cuidados de mão cultivadora nascerão, crescerão, e delinharão-se ao lado dos erricados cardos, e á sombra dos silvestres espinheiros! Lagrimas ardentes, vertidas no ceio da solidão por sobre umas faces subtrahidas aos olhos do mundo, como gotas do orvalho matutino nas palmeiras do deserto. Flores sem aroma, lagrimas desconhecidas . . . eis as paginas do meu album.

O viajor transviado, fatigado pela jornada, e pelos ardores do sol, segue ahiu a carteira vereda que o vai conduzir ao esgalhado jaquetibá que o abriga com o seu tecto de verdura. A avesinha fugitiva encontra n'um tenue raminho, um lugar onde suspenda o seu ninho; e bem como o viajor transviado, e como a avesinha fugitiva, tudo encontra um abrigo... tudo! E só o meu album não visto pelos teus olhos, morrerá talvez como o proscripto em terra de estrangeiros.

Ah! eu quizera, mysteriosa, quizera, virgem melancolica de olhos magneticos, levar-te commigo ás velhas ribaceiras, para a teu lado ouvir o fragor das vagas quebradas á meia noite sobre as rochas escarpadas. Quizera contemplar contigo a magnifica lua do Janeiro reproduzindo-se nas aguas aljofradas, ou estendendo o seu véo de prata sobre a fimbria dos rochedos. Ver no esmaltado firmamento a estrella mais luzente, aquella que como o facto da esperanza scintilla sempre que, esquecidos de mim, os meus olhos a procurão! Eu saberia ler o teu nome no céo, e tu mostra-me-hias talvez o meu, em uma pagina sem título do album do peregrino! Quizera divagar contigo pelos prados matizados, quando ainda as colleirinhas entre as hervilhas dos campos, esperassem pelo albor matutino, para então saltarem de ramo em ramo, e de flor em flor. Quizera! J. porque, se as flores são indubitavelmente dos prados, se as estrellas são do céo, — mysteriosa, virgem de olhos magneticos — tu és do meu coração!

Mas dormes talvez, e mesmo que assim não fosse, sei que os idolos permanecem em seus altares, e não seguem aos seus adoradores.

Dorme pois, minha virgem, que certamente não dormirá tão meigo o lyrio nas campinas, nem o mythologico amor no regaço materno. Dorme, porque dormindo, tu não ouvirás o zombeteiro mocho piar sarcasticamente sobre a cruz do sombrio campanario! Dorme, porque nesta hora o — alerta — das sentinellas não deve ecoar em teus ouvidos! E porque não é para ti que acabou de soar a hora da vigilia... Se tranquilla, minha virgem!

Afagume-te a imaginação os genios da poesia, e com finos pinceis te retratem o quadro onde cerca da de meigas caricias, a ternura repousa. Possão as auras amorosas passando em silencio pelo vão da tua janella, perpassarem brandamente pelos teus cabellos dispersos ao acaso, e espalhal-os preguiçosos pelo teu collo de neve! Possão não despertar-te as ficções de um magico sonho, ou o estremecimento de um seculo fraternal! E se um anjo, ou uma fada penetrando o sanctuario onde repousas, furtar-te ao gozo do benefico somno, seja para Deus o teu primeiro pensamento! Seja, porque se por ventura, uma lagrima for preciso para o amor, e uma saudade para o coração, ah! minha virgem! não vertas essa lagrima, nem soffras essa saudade, por que para chorar e para soffrer, bastão os meus olhos, e o meu coração!

— Mas, é de balde que a imaginação procura ver-te sobre o teu brando leito nos braços do somno, e á pallida luz de uma amortecida lamparina. Uns sons delirantes como que me ferem os ouvidos, e buscão-me incompreensivelmente para morrerem em torno de mim! São as ultimas, são as perdidas notas de uma musica que — de lá — se confundem aqui com os queixumes das vagas!

Fechemos os olhos.... Não é isto o templo das artes, ou o theatro, o que agora se me apresenta á phantasia?... Deves estar ahi ante uma multidão compacta, louca e frenetica, ou ante a calma, a indifferença, e o scepticismo.

Ah! agora-se-me ver entre essa multidão, buscarem-te os olhos de algum optimista, ou de algum sentimentalista, que julgando tocar a méta do sublime, aeroditará ver em tíu Metelli de Walter Scott, ou proclamar-te-ha a Rosalinda de Shakspear. E que, vendo-te entre aquellas que te seguem sempre, entre essas virgens felices e festivas, como o caudido jasmim entre as bellas e vivaces rosas, descuido-so julgar-te-ha um modelo do Ticiano, uma virgem do Perugino, uma inspiração de Rembrandt, ou uma santa de Rubens. E sem mais commentários, voltando-se para uma outra, e buscando talvez um im-

possível, acreditará então vaidoso, ter encontrado a sua pedra de Sisyphos!

Virgem para ti não pode haver comparação:

O sol não se compara com outro sol, nem a inspiradora lua com outra lua, por que para elles não se encontram semelhantes.

Mas deves estar ahí, feliz, no templo das artes.... Ah! será tão mysteriosa, e tão magestosa a felicidade, que o ser engolfado nella, não sabera mesmo, como comprehender a existencia de um coração desventurado? Uma lagrima será sem expressão? Uma dor sem causa? E uma saudade, palavra que se escreve, porém que não significa cousa alguma?....

Devem de ser bem diversos os nossos pensamentos nesta hora solemne! Tu satisfeita e feliz ante uma brilhante reunião; e eu solitario prisioneiro longe de tudo o que mais amo! Tu entre sorrisos que gerão flores; eu submerso em dorza que produzem lagrimas! Lá, a vida que floresce; aqui a existencia que fenecce! E' o contraste singular entre o baile e o sepulchro.

Mas antes de tudo, oh! virgem dos meus sonhos! comprehendo que neste momento eu véo, e que tu não dormes!

(Continúa.)

POESIA.

A MINHA LYRA.

Como é triste a minha Lyra!
Seus accordes tristes são!..
Amo — sem ser amada,
Dão-me só ingratição! —

Sósinha no mundo andava,
Era a Lyra o meu amor;
Nos cantos que modulava
Tinha da vida o penhor.

Mas amei, — no coração
Cresceu chama dolorosa;
E hoje com asse amor
Sou infeliz — desditosa!!

Só tenho dentro do peito
Do meu socego a lembrança;
Que—amada—seja um só dia,
Nem se quer tenho esperança!

Como é triste a minha Lyra!
Seus accordes tristes são!
Amo — sem ser amada,
Dão-me só ingratição! —

E. Adelaide da S. Pinto.

UMA CADEIRA VASIA.

Uma cadeira vasia é uma cousa tão simples e natural, que aquellas de minhas leitoras que só lerem o título deste artigo, parecerá insignificante e quem sabe se enxabido?

No entanto para mim uma cadeira vasia, em certas circumstancias, tem a mesma expressão que se me arrancassem um pedaço da alma, me cortassem um sonho de venturas, me distrahissem um pensamento inspirado, me dilacerassem as fibras do peito rasgassem-me o coração, desconhecassem-me um sentimento, descreessem de um juramento meu! E' que ás vezes uma cadeira vasia exprime mais para mim, do que um altar sem imagens, um céu sem azul, uma nuvem sem cor, uma estrella sem brilho, uma flor sem perfume, um jardim sem matiz, uma harpa sem cordas, uma nota sem som, um canto sem

harmonia, uma capella deserta, um anjo sem azas, uma moça sem pudor, e um amor sem crença! Oh nessas vezes a cadeira que fica vasia deixa ir com o ser que a occupava, uma alma estremecida de ancididades, um coração cheio de amor, e um amor todo ciúmes!

E eu posso fallar que já tive umas vezes como essas, Defronte de mim, em uma cadeira eu já vi alguma cousa que me fascinava com seu brilho e que me enlanguecia com sua ternura.

Para dizer que era uma fada.... não acerto, a fada podia ter a sua belleza e o seu brilho, a sua graça e o seu encanto, mas aquelle olhar tão placido a reflectir o céu, aquelle perfume de poesia que exhalava; aquella magia, aquella nuvem vermelha de pudor e frescura que lhe afogueava as faces pallidas, aquelle

arfar ancioso de seu seio quando eu lhe flava os olhos, não, só se ha fadas de innocencia e de pudor, como das estrellas do céu da virgindade, essas duas flores do jardim de poesia!

Para dizer que era um anjo? Eu já ouvi dizer que não ha anjos sem asas, no entanto eu sentia que ella se aproximava mais do espaço, das nuvens, das estrellas do céu, do que desta atmosphera tao pesada, desta terra tao cheia de misérias, destes jardins tao despidos, deste mundo perdido entre a descrença e o martyrio, desta vida a correr entre as lagrimas do sofrimento e os rios da perdição. Eu bem parecia ver o céu em suas faces, as estrellas em seus olhos, as nuvens rosadas no carmin de seus pudores, os som das harpas celestes na harmonia de suas fallas, as graças do paraizo no deixado dos gestos, a pureza da Virgem na castidade de seu seio, e na pureza de sua alma um reflexo de Deus! Mas os anjos não desmentem suas juras, nem deslembrao protestos.

Para dizer que era uma mulher? Talvez, e certo! Não uma mulher como todas, uma mulher especial, que nem pertence ao céu nem á terra, que nem é anjo do espaço, nem fada das fontes, nem é flor nem estrella, mas tudo isso reunido, rezume em si todas as perfeições da natureza, tudo o que é bello, tudo o que encanta, tudo o que embriaga, tudo o que enlouquece, tudo o que póde dar vida, e tudo o que póde dar morte! Era uma moça! Era o ente magico que me rezumia a vida do presente e as creanças do futuro, o amor e a religião, ella e Deus! o unico por quem deslembra as aguias da vida e as ambições de gloria, as dores da existencia e o descanso da alma, as affeições de meu peito e meus sonhos de poeta, a terra e o céu, o corpo e a alma, a vida e minha mãe! A quem eu só poderia dizer como o poeta:

Por ti sonhando morrerrei de amores
Por ti de amores morrerrei cantando!

E que saudades que eu tenho desse tempo! Como eu achava doce o pungir dos espinhos mas adoçados pelo mel de seus labios, como sorri descuidoso o perfume venenoso dessa flor zelosa! Como deixei-me adormecer aos cantos dessa serena encantadora! Mas

eu tenho saudades desse tempo, foi n'uma noite de despedida, eu fui a uma casa dar meus ultimos adeozos, partia, e ella estava de frente de mim sempre bella como a aurora do dia, pallida como uma açucena, languida como o lyrio sob as perolas do orvalho, indifferente como uma estatueta de neve!

Mas estava de frente de mim, eu estava contente, enquanto a via, vivia; as luzes da sala laõ reflectir-se pallidas no brilho sereno de seus olhos; e eu procurava debaide em seu rosto uma fibra que estremecesse, uma onda de carmin que inundasse as faces e molhando-lhe os olhos lhe dependurasse uma gota no cilios. E ella sempre fria e impassivel como uma figura de mármore!

Algumas horas se passaram em conversações frivolas que mais indicavão pretexto que interesse. Se algum notasse veria a anciedade com que eu esperava uma palavra de seus labios, e que essa palavra versasse sobre minha conversação, isto é a minha partida. Ella muda como a lousa de um sepulchro, distrahida como uma borboleta entre flores. Chegou a hora final, a visita já estava longa de mais, dirigi-me para ella inda uma vez a interrogar sua alma suppliquei-lhe com os olhos, roguei-lhe na anciedade de minha respiração, no afogamento da faces, na impaciencia dos gestos, e quando eu esperava um ligitivo a minhas dores, um gesto que me aplacasse, um olhar que me desse animação... levantou-se, encaminhou-se para um corredor interno, acompanhêi-a com a vista, com a alma, com o desespero, com o cime, e os olhos se me enublaram, á voz prendeu-se-me na garganta, a alma escureceu-se-me, as luzes desaparecerão de minha vista, a cabeça rodou-me n'uma vertigem, só vi uma cadeira vasia! Era a cadeira que ella tinha occupado, era o altar onde eu estava adorando a minha imagem, era o céu onde eu revia a minha estrella, era o leito de meu sonho! E a imagem e a estrella se sumirão, e sonho desfêz-se mas ficou gravada para sempre esta recordação constante, esta dor eterna, esta saudade que não morre, esta tortura de tantos instantes, esta morte de cada momento; ella que desapareceu-me para sempre, e sempre *aquella cadeira vasia!*

B.

MEIO DE TIRAR NODOAS DO FACTO DE LÃA.

Para limpar vestidos de meriuó, cassa de lã, etc., desceão-se e tirem-se-lhe cuidadosamente os pontos e cubrao-se as nodoas com sabão rijo. Feito isto, deita-se seis onças e meia de farinha de mostarda em quatro canadas de agua a ferver por espaço de dois minutos, depois deix-se esfriar até que se possa metter a mão. Deita-se esta agua por cima do vestido dentro de um algudar: ensaboa-se bem com ella particularmente nos sitios das nodoas; lava-se em seguida em muitas aguas até sahir a ultima bem clara, estende-se n'uma corda que não suge. Estando

bem secca a peça do vestido, cubra-se com um lençol molhado e passe-se a ferro.

As casacas e sobrecasacas limpão-se esfrogando a gola e as nodoas com sabão escuro e depois com uma escova de palha de arroz, ou de substancia vegetal semelhante, molhada em agua de saponaria.

Sahirão á luz e vendem-se nesta Typographia os dous romances — A CONFISSÃO DE UM SUICIDA E UM AMOR DE MULHER, em um só volume de mais de 200 paginas pelo preço de 18000.

